

VIAGEM DE PAULO A ROMA

Finalmente, a ordem para ir à Itália (27:1-12)

Passados pelo menos dois anos de sua prisão em Jerusalém, os juízes finalmente decidiram que Paulo deveria seguir para Roma e ser julgado lá. Havia duas certezas no coração do apóstolo: que ele chegaria lá, uma vez que Deus lhe havia assegurado isso e que ele haveria de testemunhar do Evangelho também na capital do império. Os detalhes de como tudo isso haveria de acontecer eram desconhecidos. Saber o destino não implica conhecer as minúcias do caminho.

Lucas já havia demonstrado ter um interesse especial pela navegação marítima. Seu texto é rico de detalhes geográficos e técnicos, com informações sobre os ventos e condições, os portos e paradas etc. (v.1-8). Paulo era, a essa altura, um viajante experimentado, tendo já passado pela experiência de naufragar três vezes (II Coríntios 11:25) a ponto de arriscar-se até a dar sugestões ao capitão do navio sobre o melhor momento para zarpar, devido às condições climáticas.

O naufrágio (27:13-44)

O conselho de Paulo não foi seguido pelo piloto e pelo mestre do navio e eles acabaram sendo arrastados por um vento inesperado. Lucas passa a relatar, como num diário de bordo, os detalhes do tempo e o estado de espírito dos que estavam a bordo (v.1-20). Quando eles ficaram à deriva, Paulo assume a liderança da situação, baseado numa revelação que recebera de Deus. Sua fé contagiante e espírito prático foram fundamentais para manter os ânimos e tomar as decisões importantes naquela situação de alto risco em que se encontravam (v.21-38). Como é importante alguém com espírito de liderança em momentos de crise! “*Eu confio em Deus que sucederá do modo por que me foi dito*” (v.25) era uma estupefata declaração de confiança e bom ânimo a todos os passageiros.

Depois de 14 dias sem a mínima noção de onde estavam (v.27), os marinheiros perceberam que estavam se aproximando de alguma terra e esboçam uma fuga para salvarem sua pele. Mais uma vez é Paulo quem percebe a ação e alerta os soldados (v.27-31); ele insiste para que a tripulação se alimente (v.33-36). Naquele momento, as 276 pessoas a bordo dependem mais das ações do apóstolo do que da habilidade dos marinheiros ou da força dos soldados. Pouco a pouco, Paulo vai assumindo o controle do navio, mesmo sendo apenas um prisioneiro a caminho do seu julgamento.

Na ilha de Malta (28:1-15)

Com o navio encalhado e destruído, acabaram se salvando na Ilha de Malta. Agora, era a chance de testemunhar também aos bárbaros¹⁹ (pessoas que não falavam grego) daquele lugar. Sinais miraculosos voltam a se manifestar para testemunho àqueles pagãos (v.3-10). O naufrágio abriu aquela oportunidade àqueles homens de conhecer o Deus verdadeiro.

Três meses depois, os naufragos finalmente conseguem carona em outro navio (v.11-14) e conseguem chegar à Itália, aportando em Potéoli e concluindo por terra a viagem até Roma.

Em Roma (28:16-31)

Paulo ainda não havia conhecido a igreja em Roma (Romanos 1:9-11), embora desejasse muito ter feito isso antes. Por isso, logo ao chegar ele provê meios de se encontrar com os cristãos daquela cidade (v.15). Ele talvez não esperasse chegar lá como prisioneiro (v.16), mas para ele o que importava era poder estar lá e continuar sendo útil em seu ministério entre os gentios.

¹⁹ Romanos 1:13-15

Paulo toma a atitude de chamar os judeus de Roma e explicar o que aconteceu com ele (v.17-20). Diferentemente da maioria dos outros judeus que Paulo encontrou no seu ministério, estes pelo menos se deram ao trabalho de ouvi-lo (v.21-22). Baseando sua argumentação no Velho Testamento (v.23), ele mostrava a relação entre a Lei, os Profetas e Cristo. Deveria ser uma preciosidade ouvir aquele homem culto e profundo conhecedor dos costumes, da letra e dos propósitos da Aliança apresentar o cumprimento dessas coisas em Jesus!

Todo esse esforço não adiantou muito. Embora alguns dentre eles creram, outros permaneceram incrédulos e, outra vez, houve “discordância entre eles” (v.25). Restou a Paulo aplicar a eles (v.25-28) a profecia de Isaías 6:9-10, da mesma maneira como Jesus o fizera durante o seu ministério (Mt 13:11-17). Quando uma pessoa decide que não quer crer, nada pode ser feito. A salvação é franqueada a “quem quiser” (Apocalipse 22:17).

Ainda assim, o tempo de sua prisão em Roma não foi vão nem ocioso (v.30-31). Neste período, escreveu as chamadas “*cartas da prisão*” (Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom). O apóstolo permaneceu ativo, recebendo, influenciando, evangelizando e ensinando pessoas a respeito de Cristo Jesus. Aos Filipenses (1:12-18) ele informa que sua prisão estava sendo o instrumento de Deus para evangelizar toda a guarda pretoriana²⁰ e que suas algemas estavam servindo de incentivo para que os outros irmãos que permaneciam livres intensificassem seu testemunho e assim o Evangelho podia avançar, ainda que Paulo estivesse preso.

Fim de carreira

Conta a história²¹ que após os dois anos citados no versículo 30, seus acusadores desistiram da causa (o v.21 indica que os judeus em Roma nem sabiam das acusações dos judeus da Ásia feitas em Jerusalém e que motivaram a prisão de Paulo) e ele teria sido solto. Teria, então, continuado seu ministério itinerante, de acordo com algumas indicações encontradas nas cartas que escreveu antes de chegar a Roma como prisioneiro. Estes planos incluíam chegar à Espanha e outras regiões ainda não alcançadas pelo Evangelho (Romanos 15:22-29).

Retornando ao Oriente, teria sido novamente preso. A prisão mencionada em sua segunda carta a Timóteo relata circunstâncias bem diferentes das descritas em Atos: ele está sozinho, velho e consciente de que sua morte estava chegando (II Timóteo 4:6-18). Refere-se, portanto, a outro encarceramento. Ele foi martirizado, segundo a tradição, por volta do ano 67-68 D.C.²²

Se não podemos saber se de fato tudo isso aconteceu ou não, temos informação canônica (bíblica) suficiente para entender porque Saulo de Tarso é considerado a pessoa que mais influenciou o mundo, depois do Senhor Jesus. Seu ministério voltado para os gentios possibilitou a expansão do Evangelho por lugares onde nunca teria chegado de outra maneira. Sua estratégia de preparar pessoas para levarem o Evangelho ao seu próprio povo e cultura é a maneira mais barata e eficiente de fazer missões até o dia de hoje.

Não é sem razão que ele podia dizer, de peito aberto: “*combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé*” (II Timóteo 4:7). Paulo se constituiu num grande troféu da graça transformadora de Deus (I Timóteo 1:12-17), a Quem ele próprio atribuía toda a glória e honra. “*Foi a graça de Deus comigo*”, dizia sempre ao referir-se às suas realizações no serviço de Deus (I Coríntios 15:10).

²⁰ Equivalente à polícia romana, um guarda era destacado para ficar o tempo todo vigiando Paulo. Cada soldado que passava por ali, recebia o testemunho completo do Evangelho! A eternidade nos dirá quantos creram e se tornaram porta-vozes do Novo Nascimento na corrompida Roma.

²¹ Charles Ryrie em A Bíblia Anotada, comentando Atos 28:30; Manual Bíblico SBB, pg. 669.

²² <http://www.bible-facts.info/comentarios/nt/apregacaoemroma.htm>, consultado em 24 de julho de 2012.

Que a inspiradora vida deste servo fiel e dedicado seja um incentivo a investirmos nossas próprias vidas, talentos, recursos e dons a serviço do Reino de Deus.

Conclusão do livro de Atos

Este livro relata a transição entre a Velha e a Nova Aliança. O Velho Testamento é mais do que o relato de um povo: é, em realidade, a saga da redenção. Deus está registrando a origem do universo e do homem, bem como sua condição de pecaminosidade e miséria. É aí que o plano de salvação, preparado antes mesmo que houvesse mundo²³ vem sendo tramado e exposto através das biografias dos patriarcas e da história de Israel, com suas Alianças a Lei e os profetas.

Nos Evangelhos encontramos a concretização de todas as promessas, sombras e tipos revelados desde o Antigo Testamento, com o nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus. Cumprida sua missão, Jesus é recebido na glória e deixa seus discípulos aguardando a descida e o revestimento do Espírito Santo.

Atos, que acabamos de estudar, é o relato empolgante do cumprimento da Grande Comissão pelos apóstolos e demais discípulos. A salvação prometida no Velho Testamento é efetuada nos Evangelhos e anunciada em Atos.

O capítulo não escrito

O leitor fica com a forte impressão de que Atos é uma narrativa não encerrada. Sim, porque a história não acaba ali. Nós somos o capítulo não escrito da história. É como se o aspecto inconcluso do livro deixasse uma mensagem de ânimo e incentivo para nós que viemos a seguir: *“Agora, é com vocês!”*.

Infelizmente, páginas tristes foram escritas desde então. Desvios, apostasia, crimes em nome de Deus, extorsões, divisões, heresias. Enfim, uma extensa e nefasta lista de coisas profanas que acabaram entrando e causando atrasos e estragos na Igreja de Deus. Ela, porém, permanece sendo a agência por excelência para a graça de Deus se manifestar multiforme a todos os homens. Seu Noivo ainda a vê como *“uma igreja gloriosa, sem mácula nem ruga, nem cousa semelhante, porém santa e sem defeito”* (Efésios 5:27).

Através da Igreja, e só através dela, Deus espalha sua glória (Efésios 3:21) e já promove a implantação do seu Reino, cujo ápice se dará quando o próprio Senhor estender sua glória sobre toda a Terra, *“como as águas cobrem o mar”* (Habacuque 2:14).

Até lá, sigamos em frente, conscientes do nosso papel e privilégio como membros do Corpo de Cristo, Igreja gloriosa e sem mácula, coluna e baluarte da verdade!

²³ Efésios 1:3; Apocalipse 13:8